

ADOLESCÊNCIA E TRABALHO PSÍQUICO: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O SUICÍDIO EM ALGUMAS CANÇÕES

Daniela Teixeira Dutra Viola^{1 2}, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0003-1141>
Jacqueline de Oliveira Moreira¹, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0901-4217>
Fabiana Cristina Teixeira¹, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4012-3649>

RESUMO. O presente artigo realiza uma investigação psicanalítica sobre adolescência e suicídio por meio de uma elaboração teórica e do exame de algumas canções brasileiras que apresentam essa temática. Com base na abordagem psicanalítica da adolescência, ressalta-se a concepção freudiana de trabalho psíquico. Este é necessário na operação de atualização subjetiva que viabiliza a passagem adolescente e tem semelhanças com o processo de elaboração do luto. Esse ponto de convergência é o suporte da aproximação que propomos entre adolescência, suicídio e suas narrativas ficcionais, entre elas as canções. Entendemos o alcance e os limites dessas formas sublimadas de discurso com as quais muitos adolescentes se identificam. De um lado, as canções podem constituir narrativas que dão um tratamento à angústia que irrompe com o despertar pubertário, possibilitando construções singulares por meio da palavra. De outro, a imersão do sujeito num discurso sobre a morte pode intensificar a angústia e ocasionar identificações soldadas por um gozo mortífero, precipitando o ato.

Palavras-chave: Adolescência; trabalho psíquico; suicídio.

ADOLESCENCE AND PSYCHIC WORK: PSYCHOANALYTIC CONSIDERATIONS ABOUT SUICIDE IN SOME SONGS

ABSTRACT. The present article conducted a psychoanalytic investigation about adolescence and suicide through a theoretical elaboration and the examination of some Brazilian songs that present this theme. Based on the psychoanalytic approach to adolescence, the Freudian conception of psychic work is emphasized. This is necessary in the operation of subjective update that makes possible the adolescent passage and has similarities with the process of mourning. This point of convergence is the support of the approach that we propose between adolescence, suicide and their fictional narratives, including the songs. We understand the scope and limits of these sublimated forms of discourse with which many adolescents identify. On the one hand, the songs can constitute narratives that give a treatment to the anguish that emerges with the onset of puberty, enabling singular constructions through the word. On the other hand, the immersion of the subject in a discourse on death can intensify the anguish and cause identifications welded by a deadly joy, precipitating the act.

Keywords: Adolescence; psychic work; suicide.

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte-MG, Brasil.

² E-mail: daniela.dutraviola@gmail.com



ADOLESCENCIA Y TRABAJO PSÍQUICO: CONSIDERACIONES PSICOANALÍTICAS SOBRE EL SUICIDIO EN ALGUNAS CANCIONES

RESUMEN. En el presente artículo se realiza una investigación psicoanalítica sobre adolescencia y suicidio por medio de una elaboración teórica y del examen de algunas canciones brasileñas que presentan esa temática. Con base en el abordaje psicoanalítico de la adolescencia, se resalta la concepción freudiana de trabajo psíquico. Este es necesario en la operación de actualización subjetiva que viabiliza el paso adolescente y tiene semejanzas con el proceso de elaboración del luto. Este punto de convergencia es el soporte del acercamiento que proponemos entre la adolescencia, el suicidio y sus narrativas ficcionales, entre ellas las canciones. Entendemos el alcance y los límites de esas formas sublimadas de discurso con las que muchos adolescentes se identifican. De un lado, las canciones pueden constituir narrativas que dan un tratamiento a la angustia que irrumpe con el despertar de la pubertad, posibilitando construcciones singulares por medio de la palabra. De otro lado, la inmersión del sujeto en un discurso sobre la muerte puede intensificar la angustia y ocasionar identificaciones soldadas por un goce mortífero, precipitando el acto.

Palabras clave: Adolescencia; trabajo psíquico; el suicidio.

Introdução

Um mapeamento da mortalidade violenta brasileira (Waiselfisz, 2014) mostra que entre 1980 e 2012 os números de suicídio juvenil cresceram em 62,5%, aumentando o ritmo a partir da virada do século. De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde, levantados nesse estudo, comparados com outros 90 países, o Brasil apresenta taxas de suicídio relativamente baixas, tanto na população total quanto entre os jovens. Não há, portanto, uma cultura suicida como em outros países. É digno de nota, contudo, que o Brasil ocupa a 63ª posição no ordenamento dos países segundo as porcentagens de suicídio da população total, enquanto em relação à população jovem está na 60ª posição. Conforme Waiselfisz (2014), surpreende a elevação significativa dessas taxas por volta dos 17 ou 18 anos de idade, com índices bem acima da média nacional, em torno de cinco suicídios a cada 100 mil habitantes.

Para além desses dados numéricos, delinea-se uma dimensão nada objetiva, mas difícil de nomear por concernir ao mal-estar na cultura. Como parte dessa dimensão difusa e insondável que abarca as formas do sofrimento humano num determinado contexto social, o tema do suicídio na adolescência eventualmente ganha a cena por meio de narrativas ficcionais de grande repercussão midiática, que incitam o debate em torno do problema e trazem à tona os números crescentes. Nas últimas décadas, diversas obras – musicais, cinematográficas, literárias, televisivas etc.³ – apresentam-se como tentativas de

³ Como exemplos de obras que abordam o tema do suicídio na adolescência ou juventude e que tiveram repercussão nas últimas décadas podemos citar, entre muitas outras, o filme 'Garota, interrompida' (2000), de James Mangold, o livro *As vantagens de ser invisível* (1999), de Stephen Chbosky, juntamente do filme homônimo de 2012, baseado no livro, com roteiro e direção do mesmo escritor, o filme 'As melhores coisas do mundo' (2010), de Lais Bodanzky, o documentário 'Elena' (2012), de Petra Chaves, e a série de televisão '13 reasons why' (2017), baseada no livro *Thirteen reasons why* (2007), de Jay Asher, adaptado por Brian Yorke para a provedora de *streaming* Netflix. Já como exemplo clássico de narrativa ficcional sobre o sofrimento adolescente, incluindo o suicídio, citamos a peça teatral 'O despertar da primavera' (1891), de Frank Wedekind, comentada por Freud, Lacan e psicanalistas contemporâneos.

narrar algo inenarrável, na medida em que tanto o suicídio quanto a angústia que o provoca são elementos do real. Essas narrativas são, portanto, modos de tratamento simbólico de temas de grande delicadeza e pungência no universo adolescente. Como tais, podem ser bem-sucedidas ou não nessa função de tratar o impossível de simbolizar e, muitas vezes, de suportar. Para muitos sujeitos, tais narrativas são valiosas como meios de expressão que espelham seus dilemas e angústias, funcionando como referência identificatória e permitindo certa ressignificação e produção de sentidos. Já para certos sujeitos, essas narrativas não alcançam esses efeitos de tratamento, mas acabam aumentando a angústia e contribuindo para formas de identificação a um discurso autodestrutivo e para a fixação num gozo mortífero, que pode levar ao pior. Nesse sentido, há toda uma discussão sobre a pertinência de se evocar essa temática em obras ficcionais, na medida em que é preciso considerar a possibilidade de proliferação de surtos de suicídios provocados pela difusão do ato nas mídias, o denominado 'efeito Werther'⁴, que certamente ganha todo um redimensionamento na era da internet.

Diante disso, a psicanálise se posiciona de forma prudente, nem condenando de modo categórico as narrativas artísticas sobre o suicídio, nem alimentando uma interpretação ingênua que as toma como inofensivas ou benéficas para todos os sujeitos. Para avançar nesse debate, é preciso reconhecer que o alcance e os efeitos sobre um sujeito de uma obra ficcional só podem ser considerados na perspectiva do 'caso a caso', sem generalizações.

Perante a rarefação das referências simbólicas construídas na infância, na adolescência o sujeito precisa buscar respostas próprias e fazer novos laços. Novos grupos identitários ganham a cena, o que é perceptível nas diversas comunidades adolescentes geralmente formadas por laços de identidade, seja em torno de uma estética, de um gosto musical, de um ativismo político etc. No conjunto dos diferentes elementos que enlaçam esses grupos, a música e as canções ocupam um lugar proeminente. De um lado, os ritmos e as melodias, as tonalidades e as harmonias, os variados timbres, enfim, a força da expressão estética musical em seus diversos gêneros embala de afetos e movimentos os corpos adolescentes, que pulsam e dançam ao sabor dos acordes. De outro lado, as palavras, versos, letras que pautam as canções permeiam o imaginário dos adolescentes, numa proliferação de sentidos, chegando a viabilizar ressignificações e encontros simbólicos. Assim, as canções são elementos privilegiados no universo adolescente e muitas vezes têm uma função importante como narrativas capazes de gerar sentido em momentos de total perda de sentido.

Propomos abordar a função dessas narrativas musicais para alguns sujeitos a partir de uma breve revisão teórica sobre a adolescência com a orientação da psicanálise. Nesse percurso, ressalta-se a concepção freudiana de trabalho psíquico. Este é necessário na operação de atualização subjetiva que viabiliza a passagem adolescente e tem semelhanças com o processo de elaboração do luto. Esse ponto de convergência é o suporte da aproximação que realizamos entre adolescência, suicídio e suas narrativas ficcionais, entre elas as canções. Recorremos, então, a algumas canções brasileiras sobre essa temática que apresentam grande impacto em grupos de adolescentes e que são representativas do recorte histórico abarcado pelo mapeamento de Waiselfisz, ou seja, das décadas de 1980 a 2010: as composições poéticas de Russo, Villa-Lobos e Bonfá, 'Clarisse'

⁴ Em alusão ao personagem da obra literária *Os sofrimentos do jovem Werther* (Goethe, 1774), que se suicida com um tiro devido a uma desilusão amorosa. A grande repercussão do livro teria originado um surto de suicídios de jovens usando o mesmo método em diversos locais (Waiselfisz, 2014).

(1997) e 'Pais e filhos' (Villa-Lobos, Russo, & Bonfá, 1989), e ainda a canção 'Amianto' de Navarro, Ramos, Vaz, Ramos e Paula (2014).

Uma abordagem psicanalítica da adolescência

Em 'Contribuições para uma discussão acerca do suicídio', Freud (1996a) se posiciona no debate em torno do grande número de suicídios de secundaristas de sua época. Em resposta a uma explicação excessivamente simples para tão grave fenômeno, que atribuiu à escola o papel de impelir seus alunos ao autoextermínio, ele aborda o problema em sua complexidade, afirmando que, para esses estudantes, a escola toma o lugar dos traumas com que outros adolescentes se defrontam em outros âmbitos da vida. Por esse ponto de vista, a escola é um dos lugares fundamentais onde o adolescente vai se endereçar à alteridade. Juntamente da família e dos grupos de pares, a instituição escolar é uma das figuras do Outro de maior importância na transição desse tempo da vida de um sujeito. Sendo assim, as indicações freudianas à escola secundária de sua época podem ser tomadas de modo mais abrangente, como recomendações a todos aqueles que se localizam nesse lugar alteritário para um adolescente. Para Freud, além de não impelir ao suicídio, a escola deve dar ao jovem o desejo de viver, ao oferecer-lhe apoio e amparo num tempo da vida em que os vínculos com os pais se afrouxam e as referências construídas na infância se dissipam. Sinalizando a delicadeza dessa fase, ele afirma que a escola “[...] nunca deve esquecer que ela tem de lidar com indivíduos imaturos a quem não pode ser negado o direito de se demorarem em certos estágios do desenvolvimento e mesmo em alguns um pouco desagradáveis.” (1996a, p. 244).

Apesar da brevidade desse trabalho, Freud toca em pontos essenciais para uma abordagem da adolescência e do suicídio. A defesa do direito de cada sujeito a trilhar esse estágio em seu tempo, num andamento próprio, indica se tratar de um trabalho psíquico de particular gravidade, com importantes dispêndios de investimento afetivo. E esse árduo trabalho de elaboração pode paralisar ou mesmo falhar, ocasionando momentos de vacilação subjetiva em que o ato do suicídio em sua radicalidade pode tomar forma. A saída pela vida deve necessariamente ser norteadada por aquele que ocupa o lugar do Outro, como balizador capaz de indicar o caminho do desejo num momento de esvaecimento das referências e deriva subjetiva. Para compreender melhor as especificidades desse estágio da vida às quais Freud faz alusão nesse texto vamos apresentar um breve panorama psicanalítico da adolescência.

Para a psicanálise, a idade não incide sobre um sujeito de modo cronológico, como um dado objetivo ligado à realidade factual, pois a temporalidade do inconsciente não é regida por uma cronologia. Ainda assim, a adolescência é de grande interesse clínico e teórico para esse campo do saber, não como um período objetivo, mas como um tempo subjetivo. Apesar de constar expressamente somente em raras ocasiões na obra de Freud, a adolescência está presente como pano de fundo importante em alguns casos clínicos, e, sobretudo, na conceituação da puberdade, esta sim uma noção central para esse autor.

Embora distintas, 'puberdade' e 'adolescência' estão radicalmente conectadas. A primeira concerne ao real acionado pela maturação sexual que se manifesta no corpo para todos os sujeitos que chegam ao final da infância. A puberdade diz respeito, assim, a um fato orgânico universal que independe da cultura. A adolescência, por sua vez, é uma operação simbólica de tratamento do real da puberdade. Trata-se de uma resposta sintomática a esse real (Stevens, 2004), que vai dar o tom e o andamento da transição em direção à vida adulta e à alteridade, como forma singular de se reposicionar no laço social

quando a condição de criança não lhe garantir mais essa posição. Logo, ao contrário da puberdade, a adolescência não é universal nem atemporal, pois depende da dimensão alteritária e está ligada às produções e formas de expressão culturais de um contexto social. Por ser indissociável da experiência social e dos modos de vida de uma cultura, essa fase sinaliza as especificidades do discurso de uma época, bem como o *pathos* e a deterioração do laço social.

Embora seja sintoma da puberdade (Stevens, 2004), a adolescência não é necessariamente patológica. Entretanto, por ocupar um lugar sintomático nos discursos desde a modernidade, como efeito do que não se normatiza apesar da severidade das normas da sociedade moderna, é pela via do *pathos* que ela vai se apresentar a Freud. O sofrimento psíquico que se manifesta na adolescência, profundamente ligado ao mal-estar na cultura e às reconfigurações da sexualidade que ocorrem nessa fase, desvela-se ao inventor da psicanálise logo no ponto de partida de seu rastreo da etiologia das neuroses e contribui de maneira decisiva para sua compreensão da constituição traumática da subjetividade.

Em 'Três ensaios sobre a teoria da sexualidade' (1996b), Freud dedica o terceiro ensaio às transformações da puberdade. Para entender a importância dessa contribuição, condensada na hipótese do “[...] encontro do objeto [...]” (p. 290) na puberdade, é preciso isolar o fator orgânico exaltado pelo autor nesse trabalho – sequela do ideal científico que insufla sua produção teórica nesse momento – e extrair dessa elaboração o que ela traz, ainda que nas entrelinhas, como corolário: que na puberdade as correntes que compõem a vida sexual infantil muito dificilmente vão encontrar plena convergência, de maneira que a presumida e esperada conclusão do desenvolvimento sexual só se dá num horizonte ideal, de improvável alcance, num ponto de fuga.

Freud (1996b) propõe os estágios do desenvolvimento sexual – fases definidas pela relação do sujeito com objetos específicos. Ele toma a puberdade como um estágio decisivo, já que é nesse período que ocorre o segundo tempo do complexo de Édipo, quando o sujeito se depara com o encontro do objeto. Trata-se, em seu entendimento, de um estágio de maturação biológica, ponto em que culmina o desenvolvimento sexual. Nesse contexto, são propostas “[...] as fases do desenvolvimento da organização sexual [...]” (p. 186): fase oral, fase sádico-anal, período de latência e a puberdade – e, posteriormente, a fase fálica.

Na puberdade, as mudanças drásticas que acometem o corpo desencadeiam uma série de transformações na esfera psíquica e pulsional. Conforme Freud (1996b), a pulsão sexual passa a servir à função reprodutora e “[...] consuma-se no lado psíquico o encontro do objeto para qual o caminho fora preparado desde a mais tenra infância” (p. 210). Este seria uma atualização do primeiro objeto com o qual o bebê se depara: o seio materno. O autor relembra que o seio é um objeto fora do corpo que, com o autoerotismo, dá lugar ao corpo próprio da criança em sua busca de satisfação. Com o despertar pubertário, mais uma vez o sujeito se volta para um objeto fora do corpo, o que leva esse psicanalista a afirmar que “[...] o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (p. 210).

A partir da diretriz lacaniana, tomamos 'o encontro do objeto' na puberdade como um evento do real no corpo, inserido numa temporalidade lógica, isto é, pautado por um tempo subjetivo, no andamento próprio de um sujeito. Lacan (2005) localiza no momento lógico da puberdade a “[...] maturação do objeto *a*” (p. 282)⁵. Ou seja, o encontro com o objeto na puberdade é um encontro com a falta no real do corpo.

⁵ O objeto '*a*' é um operador lógico formalizado por Lacan (2005) como o vazio que resta da operação de constituição subjetiva. Com a entrada do sujeito na linguagem, algo fica de fora, restando como um elemento do real que vai operar

As mudanças que acometem o corpo na puberdade consistem em perturbações difíceis de serem assimiladas pelo sujeito, que está diante da incidência do real, impossível de simbolizar. Sendo assim, não há uma continuidade cronológica no desenvolvimento, mas um salto, uma ruptura no plano físico, que tem consequências incisivas sobre a imagem corporal e sobre a representação simbólica do corpo: no lugar do corpo infantil, o sujeito passa a ter outro corpo, dotado de recursos e capaz de *performances* nunca experimentados anteriormente. Esse território estrangeiro que é o corpo do adolescente sofre as mais intensas perturbações hormonais, libidinais e estéticas e tem que se haver com um circuito pulsional que já circula em torno de um mais-de-gozar genital. Movido pela pulsão, o sujeito se depara então com a possibilidade de um novo ato: o sexual.

Para Freud (1996b), há um fator orgânico em jogo, de ordem hereditária, que é preponderante em todos os acontecimentos que caracterizam essa fase. A partir da orientação de Lacan, é possível redimensionar essa concepção de organismo, com suas predisposições genéticas, e convocar a noção de corpo como indissociável do gozo e da linguagem. O corpo orgânico está lá – não se trata de recusar o papel da biologia – mas ele só interessa à problemática da sexualidade como corpo de gozo, tocado pela linguagem. Dessa forma, remetemos o fator orgânico que Freud destaca ao real do corpo, na acepção lacaniana, como o que não se inscreve na linguagem, a dimensão inconcebível do que concerne ao organismo humano, real que sobrevém como repetição (Lacan, 1985). O que Freud exacerba em sua análise da puberdade pode ser lido, assim, como a constatação de algo do corpo que está fora da linguagem – que não foi abarcado pelo significante, que não se submeteu à erotização – e que não cessa de retornar, como evento perturbador, com o despertar que a libido promove nesse momento da vida de um sujeito. Nessa perspectiva, em vez do ideal de um desenvolvimento sexual normal, suscetível a perturbações capazes de desviar seu curso pré-determinado, concebe-se a sexualidade como a própria perturbação, alheia à normalidade, na medida em que é efeito do encontro entre o corpo e o significante.

Essa concepção subversiva e antinaturalista da sexualidade é fundamental para a compreensão da adolescência. Freud (1996b) já reconhece a improbabilidade da conjunção no desenvolvimento sexual entre a corrente terna e a corrente sensual, ou seja, a dificuldade da passagem do investimento edípico – o amor infantil pelo objeto parental – à escolha de um novo objeto sexual na contingência do encontro amoroso na adolescência. Assim, por mais que esse autor tente estabelecer uma temporalidade cronológica guiada pela evolução orgânica, uma sucessão temporal ativada pelas “[...] moções pulsionais [...]” (p. 227) que direcione a sexualidade para um desfecho condizente com a maturidade, isso não se concretiza. Não há linearidade, logo, a programação biológica não é o que rege a sexualidade.

Cottet (1988) analisa as tensões intrínsecas à puberdade que esse trabalho freudiano escancara. Ele salienta a condição impossível das sínteses que Freud espera para a puberdade e demarca a dificuldade de um ajustamento do desejo genital sobre o objeto de amor, dado que o protótipo dessa relação – a ternura pré-genital, que reúne as pulsões sexuais e a corrente terna de afeição sobre os mesmos objetos – é definitivamente barrado pelo recalque. Com a puberdade, “[...] os tempos mudaram, a genitalidade perturba esta bela harmonia, porque ela não é suscetível às mesmas transformações. [...] Está claro que nem todo o sexual é suscetível de uma negociação cuja demanda do Outro seria a chave” (p. 103-104). Ou seja, para Cottet, as transformações das pulsões – a sublimação

como causa do desejo. Como ponto de condensação da falta, propulsiona a busca metonímica do desejo por um objeto que a preencha. Trata-se de um vazio de significante, sendo o ponto residual da subjetividade.

e as mudanças de alvo em geral – observadas na infância não funcionam mais da mesma maneira na puberdade. Ainda sobre a inviabilidade da reunião das diferentes correntes da sexualidade infantil, ele reitera que o objeto de ternura, o par parental, foi condenado como objeto sexual há muito tempo, o que deu início ao período de latência. Por conseguinte, o impulso pubertário atualiza uma interdição: gozar sexualmente do objeto de amor – gozo que, em sua versão infantil, não contava com o mais-de-gozar genital exigido na puberdade.

Ainda segundo Cottet (1988), para a psicanálise não há, estritamente falando, pulsão genital, porquanto a pulsão não pode se satisfazer sem o apoio da fantasia. E é na sexualidade pré-genital que a fantasia adolescente vai se alimentar, mantendo de modo velado o gozo parcial, fragmentado e disperso do autoerotismo. Dessa forma, a fantasia é responsável por implicar na puberdade um gozo proibido – correlato às exigências de um Supereu já instaurado na latência –, contribuindo para o 'sem lugar' que caracteriza a sexualidade adolescente em seu despertar: um sujeito que está numa posição de junção/disjunção em relação a seu corpo, de perplexidade perante a incongruência entre o corpo fantasiado e o corpo experimentado, e que tem como tarefa, entre tantas outras, apropriar-se desse corpo e se haver com a culpa. Todo esse intrincado circuito de incongruências e descompassos reforça a percepção da puberdade como momento especialmente sujeito à falha, à vacilação subjetiva e ao desarranjo, diferentemente de um tempo conclusivo de síntese.

A essência dessas contradições já pode ser apreendida nos 'Três ensaios', obra que permite assimilar a ideia de que na puberdade algo pode falhar. Em outras palavras, não há determinismo orgânico que garanta que o sujeito atravesse todas as fases do desenvolvimento dentro de certa regularidade e que chegue a um ponto conclusivo. Isso denota o impasse epistemológico em que Freud (1996b) se encontra, já que sua própria teoria do desenvolvimento desemboca num paradoxo, um túnel sem saída previamente definida. Ao mesmo tempo em que localiza na puberdade “[...] as mudanças que levam a vida sexual a sua configuração normal definitiva [...]”, com a ascensão do “[...] primado da zona genital [...]”, o autor deixa claro que essa “[...] normalidade” (p. 196) remete a um horizonte de difícil alcance, visto que

[...] só é assegurada pela exata convergência das duas correntes dirigidas ao objeto sexual e à meta sexual: a de ternura e a sensual. A primeira destas comporta em si o que resta da primitiva eflorescência infantil da sexualidade. É como a travessia de um túnel perfurado desde ambas as extremidades (p. 196).

Desse modo, por mais que Freud associe a puberdade a um momento de conclusão do desenvolvimento sexual, ele expressa seu pessimismo quanto à possibilidade de conclusão, como atesta a metáfora do túnel perfurado desde ambas as extremidades. Na engenharia freudiana, ao abrirem caminho para a sexualidade supostamente adulta, duas correntes distintas perfuram diferentes passagens, partindo de lugares díspares e em direções divergentes, e só vão se cruzar ao acaso, se porventura seus caminhos se encontrarem na opacidade subterrânea, por pura contingência. Com isso, Freud exprime a dificuldade de confluência das correntes sensual e de ternura, que consistiria, caso ocorresse, numa conclusão do desenvolvimento sexual. Nesse sentido, não há plena convergência das pulsões parciais numa pulsão genital a serviço da reprodução. Disso depreende-se que a sexualidade humana permanece infantil, uma vez que essa almejada convergência, que seria necessária para a sexualidade adulta, só ocorre no infinito, no ponto de fuga das correntes pulsionais infantis. A partir dessa reflexão, inferimos que essa engenharia freudiana já permite delinear, à sua maneira, ou seja, no mapeamento dessas

irrealizáveis convergências na puberdade, o impossível da relação sexual, a tese de Lacan (1985) (Viola, 2016).

Chegamos, assim, a um entendimento do encontro do objeto na puberdade como um evento do real no corpo nesse momento, visto que a não relação sexual se faz questão incontornável para aquele que tem que lidar com a dimensão traumática da sexualidade. A maturação pubertária esbarra numa impossibilidade lógica: quando o sujeito finalmente dispõe de recursos orgânicos para o ato sexual, impõe-se um vazio insuperável, de ordem lógica, visto que não há relação sexual, mas uma dissimetria radical entre os parceiros.

Com o despertar pubertário, a hiância pela qual o sujeito se constitui impõe-se de maneira inédita em função de uma conjunção de fatores: o real orgânico faz do corpo adolescente um corpo cingido pela libido, e o desenlace das referências infantis deixa o sujeito num vácuo momentâneo, uma deriva da qual só sairá caso venha a encontrar uma bússola que lhe convenha por meio do estabelecimento de novos laços. Isso traz implicações contundentes para alguns adolescentes. Tomados pelo despreparo diante do real ao passo de um trabalho de luto da infância perdida e suas referências simbólicas e afetivas, alguns sujeitos nesse momento têm a dimensão da perda amplificada num grau insuportável. Neste sentido, parece-nos fundamental retomar as formulações freudianas sobre o trabalho do luto.

A tarefa da adolescência e o trabalho de luto

O tratamento do gozo que transborda na adolescência requer um trabalho psíquico singular que cada adolescente terá que realizar em sua travessia rumo à vida adulta, e isso não se dá sem a dimensão alteritária. Freud (2015) relaciona o trabalho psíquico da adolescência à dolorosa tarefa de separação da família. A adolescência é a passagem da referência familiar, como suporte do sujeito na infância, ao grupo social mais amplo. Nessa travessia, é preciso um desenlace da autoridade parental para que outros laços se estabeleçam. A importância dessa tarefa para Freud (2015) é explicitada no trecho que se segue:

Desprender-se da autoridade dos pais é uma das realizações mais necessárias e também mais dolorosas do indivíduo em crescimento. É absolutamente necessário que ele o faça, e podemos presumir que isso foi alcançado, em alguma medida, por todo aquele que se tornou normal. De fato, o progresso da sociedade baseia-se nessa oposição entre as duas gerações. Por outro lado, há uma classe de neuróticos cuja condição, percebemos, foi determinada pelo fracasso nessa tarefa (p. 420).

A experiência exterior ao núcleo familiar restrito leva a criança a se aperceber de que os pais não são infalíveis e onipotentes. Conforme Freud, a criança “[...] conhece outros pais, compara-os com os seus, e pode assim duvidar da natureza única e incomparável que lhes atribui” (2015, p. 420). A separação do par parental tem seu início, então, na instalação de uma dúvida que conduz, pouco a pouco, à certeza da natureza falível e falha dos pais. Tem-se, assim, uma primeira expansão do Outro parental ao Outro social. Mais tarde, a inconsistência do Outro se torna questão central e irrevogável para o sujeito que chega à adolescência, tempo da vida em que se apresenta um difícil dilema: endereçar-se ao Outro, lá buscar uma reinscrição simbólica, um lugar como adulto, já ciente de sua inconsistência.

A inconsistência do Outro e a presentificação do vazio na adolescência contribuem para a delicadeza e instabilidade desse tempo do sujeito, tão suscetível à vacilação

subjetiva e às atuações. Nesses momentos de falha do trabalho psíquico, o esgotamento das possibilidades de um tratamento simbólico da angústia pode dar lugar à passagem ao ato suicida – tentada ou consumada –, que tem desconcertante prevalência na adolescência, como indicam os dados numéricos apresentados no início deste artigo.

Para compreender essa prevalência com o aporte teórico da psicanálise, partimos da concepção freudiana de identificação como a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto. Recorremos à elaboração de Freud (2010) sobre a identificação no trabalho de luto e seu desvio no processo melancólico. Não nos interessa, aqui, a melancolia como diagnóstico clínico. O que extraímos dessa teorização diz respeito ao mecanismo melancólico como falha no trabalho de luto, sendo este a tarefa psíquica de lidar com a perda, com a falta, ou, em termos lacanianos, com a presentificação do objeto 'a'.

Segundo Freud, o luto requer um trabalho psíquico que envolve a retirada progressiva da libido do objeto perdido. Ele acentua a necessidade do tempo para essa tarefa, que “[...] é cumprida aos poucos [...]” (2010, p. 174), com grande demanda de tempo e energia de investimento enquanto a existência do objeto perdido se prolonga na psique. Nas formas patológicas da melancolia, por sua vez, nota-se um trabalho psíquico semelhante, mas sobrevivem elementos que não se encontram no luto. Freud demonstra que o trabalho interno melancólico consome o eu, resultando numa inibição e num “[...] extraordinário rebaixamento da autoestima [...]” (p. 175), caracterizado por “[...] penosa autodepreciação” (p. 177). Enquanto no luto o sujeito elabora uma perda relativa ao objeto, na melancolia, trata-se de uma perda no próprio eu. A libido retirada do objeto perdido desloca-se para o eu, servindo para estabelecer uma identificação do eu com o objeto perdido. “Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado” (p. 181).

Nessa “[...] retração regressiva da libido [...]” (p. 183), que corresponde a “[...] um empobrecimento tóxico direto da libido do Eu [...]” (p. 186), a perda do objeto se transforma numa perda do eu, ao mesmo tempo que o Eu se torna o objeto de sua própria crítica e de sua hostilidade. Freud explica o ato de suicídio por essa ambivalência inerente à disposição melancólica. Para ele, o Eu pode se matar graças ao retorno do investimento objetal, “[...] quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que diz respeito a um objeto, e que constitui a reação original do Eu a objetos do mundo externo” (p. 185).

Essa teorização acerca do trabalho do luto e da melancolia é de fundamental importância para nosso exame da adolescência e suas possíveis falhas operatórias. Podemos considerar que a adolescência também é um trabalho psíquico nos moldes do luto, na medida em que o sujeito adolescente tem que elaborar uma perda. Assim como no luto, essa operação também exige tempo e energia para a elaboração de diversas perdas: das identificações da infância, do corpo de criança, do lugar da família, da referência do par parental, entre tantas outras. Aliás, a necessidade de 'apoio' e 'amparo' e o direito ao tempo de se demorar na elaboração das dificuldades, elemento essencial ao trabalho de luto, é precisamente o que Freud (1996a) enfatiza em sua reflexão sobre o suicídio de adolescentes.

A puberdade põe o sujeito diante de um objeto que é um vazio, diante da falta – em última instância, a falta de sentido, o não saber constitutivo diante do sexo. Em vista disso, podemos refletir sobre as falhas que incorrem na passagem adolescente a partir da ideia de uma identificação ao objeto 'a', ao vazio que se presentifica nesse momento, que pode levar a uma passagem ao ato, inclusive a mais radical de todas, o suicídio.

As narrativas do suicídio em canções brasileiras

Uma saída frequente para os impasses da adolescência é a identificação horizontal aos grupos de pares, que por vezes podem funcionar como palcos para o trabalho psíquico necessário nesse momento. Essa função é bem apontada por Winnicott (1980) em sua definição dos grupos sociais de adolescentes como espaço transicional entre a família e a comunidade mais ampla. Nesse sentido, a identificação a um grupo tem especial importância nesse momento de transição. Com frequência, o pertencimento a esses grupos é condicionado ao compartilhamento de certas experiências, de certas marcas, ou a um gozo comum. Nesse contexto, a troca de narrativas musicais e o enlace dos corpos por meio da música são de grande importância, o que nos remete a algumas canções que abordam o tema do suicídio na juventude e encontram grande repercussão e ressonância nos grupos de adolescentes. Interessa-nos, aqui, refletir sobre o alcance dessas narrativas para certos sujeitos que se encontram em situações-limite de falha no trabalho psíquico da adolescência.

Nas décadas de 1980 e 1990, a Legião Urbana foi uma banda brasileira que chegou a receber o título de porta-voz da juventude por sua especial habilidade em expressar as angústias e impasses dessa fase da vida, tendo contribuído na cultura *pop* para a reflexão sobre o(a) jovem contemporâneo(a) e sua complexa e conflituosa relação com a alteridade. Podemos citar alguns movimentos de diálogo entre a teoria psicanalítica e as músicas da Legião Urbana, como Teixeira e Moreira (2017) e Santos (2017). Seguindo essa trilha de diálogo, destacamos duas canções que tratam explicitamente do tema do suicídio na adolescência ou juventude: 'Clarisse' (1997) e 'Pais e Filhos' (1989).

'Clarisse' (Russo, Villa Lobos, & Bonfá, 1997), canção polêmica em sua época, não narra a morte da protagonista, mas menciona que 'uma de suas amigas já se foi'. Descreve o flerte da adolescente com a própria destruição e seu sentimento em relação à "[...] essência estranha do que é a morte [...]": "[...] deitada no canto, seus tornozelos sangram [...] quando ela se corta ela se esquece que é impossível ter da vida calma e força [...]". 'Pais e filhos' (Villa Lobos et al., 1989), por sua vez, traz explícita a temática da morte por meio do suicídio narrado: "[...] ela se jogou da janela do quinto andar, nada é fácil de entender".

Nessas canções, é tematizada a impossibilidade de enlaçamento com a vida, seja pela condição inexorável da morte, seja pela busca paradoxal de se fazer laço pela ruptura. De modo geral, são tentativas de reflexão sobre como a morte atravessa as vidas e sobre como, por vezes, enlaçar-se com a vida vai deixando de ser possível. Na letra das canções e em suas entonações, emergem menções à tristeza decorrente da inevitável finitude, de modo que certos afetos passam a ser incorporados: "[...] os sentimentos a elas associados parecem reviver na voz e interpretação de quem canta" (Tatit, 2014, p. 375). Assim, as canções evidenciam afetos humanos e complexidades pertinentes à condição de sujeito, nem sempre ditas, mas que encontram nas obras musicais um destino socialmente compartilhável.

Estabelecer diálogo entre letras de canções e psicanálise consiste num grande desafio, sobretudo pelas infinitas possibilidades de interpretações, mas ancora-se no pressuposto de que "[...] ambos [psicanálise e canções] seguem de perto a complexidade da condição humana em seus desejos, suas paixões, seus tropeços e seus desenlaces, tentando chegar mais próximo do inconsciente, em seu lado enigmático, estranho, obscuro e até mesmo impossível de compreender" (Saliba, 2013, p. 77).

A personagem de 'Clarisse' e a garota que 'se joga da janela do quinto andar' são adolescentes que após a infância percorrem um caminho em direção ao universo adulto. Clarisse, ora 'trancada em seu quarto', ora 'trancada no banheiro', oscila entre a dor e 'seus discos, seus livros e seu cansaço', tentando ser 'forte a todo e cada amanhecer'. Aos 14 anos, percebe-se incompreendida, 'sente a essência estranha do que é a morte', é submetida a antidepressivos e calmantes e tem que lidar com a morte de uma amiga. 'Clarisse' não apenas narra a história de uma adolescente que demanda ajuda, como também é cantada em tom fúnebre, com ritmo um tanto mórbido, enfatizando que o eu lírico se sente 'cansado, vilipendiado, incompreendido e descartado':

A falta de esperança e o tormento
De saber que nada é justo e pouco é certo
De que estamos destruindo o futuro
E que a maldade anda sempre aqui por perto
A violência e a injustiça que existe
Contra todas as meninas e mulheres
Um mundo onde a verdade é o avesso
E a alegria já não tem mais endereço

Para Clarisse, o mundo é ameaçador, injusto e incerto. A única frase que a narrativa repete é 'Clarisse está trancada'. Seja no quarto ou no banheiro, tenta se distanciar desse mundo sem esperança. A repetição do verbo trancar sugere que a própria Clarisse se tranca, embora permita pensar se não são as próprias adversidades do mundo que a isolam, deixando-a numa posição passiva que não permite movimentos ou reações:

Eu sou um pássaro
Me trancam na gaiola
E esperam que eu cante como antes
Eu sou um pássaro
Me trancam na gaiola

A tônica de 'Clarisse', sobretudo quando diz que 'esperam que eu cante como antes' e logo após ter descoberto um 'mundo em que a verdade é o avesso e a alegria já não tem mais endereço', nos remete ao trabalho de luto necessário na adolescência, em que a presentificação da falta se impõe e o sujeito tem que lidar com a separação da família e o desbotamento das referências da infância.

Diferentemente de 'Clarisse', em 'Pais e Filhos', a adolescente não é nomeada, embora a questão do nome seja recorrente na música: 'Meu filho vai ter nome de santo. Quero o nome mais bonito'. A adolescente não nomeada e que agora aponta para a finitude dos vivos provoca a reflexão sobre outros modos de continuidade da vida. O nome insere o sujeito na ordem simbólica, possibilitando-lhe alcançar um sentido e um direcionamento, ainda que sintomático, sobre a essência da personagem. No caso de 'Clarisse', o nome, cujo significado está relacionado à 'brilhante', 'luminosa', 'ilustre', ironicamente nomeia uma adolescente angustiada e apagada, caracterizada pela falta de movimento, passividade diante do trabalho psíquico que a adolescência demanda. Clarisse tem

sonhos que se configuram tristes e inertes
como uma ampulheta imóvel
não se mexe, não se move,
não trabalha.

Outro tema de aguda gravidade e prevalência na adolescência também tratado nessa canção é o ato de se cortar. Clarisse 'faz marcas no seu corpo com seu pequeno canivete'. É difícil prever até que ponto a autopunição via cortes, como faz Clarisse, de fato

passará ao ato de suicídio. De toda forma, a narrativa na primeira pessoa do singular indica uma tentativa de tomar a palavra, sinalizando a possibilidade de elaboração da angústia, ainda que esta transborde em alguns momentos, levando a menina ao ato de se cortar.

Essas duas canções sugerem, então, respostas subjetivas distintas por parte das personagens. Se em 'Clarisse' ainda podemos vislumbrar uma tentativa de elaboração, a adolescente de 'Pais e filhos', reduzida a uma 'gota d'água', a um 'grão de areia', não mais recorre à palavra e se atira da janela.

Sobre 'Pais e Filhos', Renato Russo pontua que “[...] esta música é sobre suicídio. Ela é muito, muito séria [...]. É sobre uma menina que tem problemas com os pais, ela se jogou da janela do quinto andar, e não existe amanhã” (Russo citado por Assad, 2000, p. 190). Essa canção destaca as figuras parentais e o trabalho psíquico de separação afetiva dessas instâncias: “Você me diz que seus pais não entendem / Mas você não entende seus pais / Você culpa seus pais por tudo [...]”. Percebe-se aí a busca pela compreensão dos pais concomitantemente ao movimento de afastamento deles, numa das maiores ambivalências características da adolescência, a tentativa de dar consistência ao Outro parental.

Mesmo apresentando diferentes respostas subjetivas por parte de seus personagens, 'Clarisse' e 'Pais e Filhos' têm em comum o tema da autodestruição. O psiquismo do adolescente, na tentativa de responder ao excesso de gozo que se impõe com a puberdade, pode recorrer ao ato como último recurso frente à angústia desmedida. O sujeito pode realizar um ato de violência por vezes direcionado a si, por vezes ao outro. Seja por meio de ações direcionadas ao outro, seja ao convocar o próprio corpo, com cortes ou com a morte, nota-se nesses casos uma impossibilidade de tratamento simbólico do real que se apresenta.

Como representante das narrativas sobre o suicídio na juventude na década de 2010, elegemos a canção 'Amianto' (Navarro et al., 2014), da badalada banda brasileira Supercombo, de grande repercussão entre os adolescentes na internet, alcançando milhões de visualizações no YouTube. Sua letra é assim:

Moça, sai da sacada
Você é muito nova pra brincar de morrer
Me diz o que há, o quê que a vida aprontou dessa vez?
Venha, desce daí
Deixa eu te levar pra um café, pra conversar
Te ouvir
E tentar te convencer
Que a vida é como mãe
Que faz o jantar e obriga os filhos a comer os vegetais
Pois sabe que faz bem
E a morte é como pai
Que bate na mãe e rouba os filhos do prazer de brincar
Como se não houvesse amanhã
Moça, não olha pra baixo
Aí é muito alto
Pra você se jogar
Vou te ouvir
E tentar te convencer
(Somos programados pra cair)
Que a vida é como mãe

Que faz o jantar e obriga os filhos a comer os vegetais
Pois sabe que faz bem
E a morte é como pai
Que bate na mãe e rouba os filhos do prazer de brincar
Como se não houvesse amanhã
Mas, tudo bem, nem sempre estamos na melhor
Moço, ninguém é de ferro
Somos programados pra cair

Apesar da diferença temporal e geracional em relação às canções da Legião Urbana, nota-se que os elementos que perpassam as angústias dos adolescentes são evocados também nessa narrativa direcionada à geração do YouTube. Chama atenção a ênfase na queda dos corpos, 'programados para cair', que podemos associar à presentificação da falta e ao luto dos objetos perdidos. A relação com os pais é também abordada de forma ácida, sinalizando a ambivalência afetiva que toma uma dimensão insuportável nesse momento.

Essas formas narrativas têm em comum a capacidade de cantar a angústia pungente da adolescência, delineando a saída mortífera do suicídio pela palavra. Como novidade, a canção contemporânea encontra uma possibilidade de disseminação sem precedentes entre seus ouvintes. O vídeo oficial de 'Amianto' no YouTube, por exemplo, tem hoje mais de 19 milhões de visualizações. Num tempo em que os adolescentes têm uma relação altamente preocupante com o tema do suicídio, como o que constatamos recentemente com o fenômeno do jogo suicida da 'Baleia Azul'⁶, amplamente repercutido em 2017, o alcance de dezenas de milhões de ouvintes por uma canção que fala do suicídio de uma jovem não é pouca coisa.

Considerações finais

O trabalho psíquico que a passagem adolescente requer não se dá sem o Outro. O jovem precisa estabelecer novos laços afetivos nesse momento em que as referências simbólicas da infância perdem grande parte de sua eficácia, não operando mais como ideal e perdendo sua autoridade. A identificação a um grupo horizontal de pares muitas vezes funciona nesse vácuo e pode ter efeitos interessantes na construção de saídas próprias, que são singulares para cada sujeito, mas que não perdem sua dimensão de enlace a um coletivo. As diferentes formas de expressão artística ocupam um lugar essencial no funcionamento dessas identificações. Com a leitura de algumas canções que têm como tema central o suicídio na adolescência, percebemos a potência de certas narrativas como instrumentos de auxílio nesse processo de estabelecimento de um laço identificatório e elaboração de diversas perdas que constitui o processo de atualização subjetiva necessária ao adolescente.

As narrativas operam justamente por sua capacidade de transmissão de experiências compartilháveis, que perpassam os corpos dos sujeitos envolvidos, contribuindo para a produção e multiplicação de novos sentidos. Conforme Gurski e Pereira (2016), a "[...] narrativa, ao fazer circular a palavra, as histórias e suas versões, possibilita a produção da polissemia, a qual flexibiliza os sentidos e cria condições para que se

⁶ O jogo 'Baleia Azul' foi um fenômeno mundialmente disseminado pelas redes sociais entre crianças e adolescentes em 2017, estando supostamente ligado a um aumento no número de suicídios nessas faixas etárias. Trata-se de uma série de 50 desafios cujo objetivo final é o suicídio do jogador (Berdinelli & Martín, 2017).

produzam enunciações” (p. 438). Sendo assim, a forma narrativa da canção pode ser um instrumento de grande valor no trabalho psíquico da adolescência, operando como um suplemento simbólico na amarração dos grupos de pares e na tessitura de enunciados.

Se na adolescência o sujeito tende a se deparar com momentos de vacilação subjetiva em que o vazio de sentido se presentifica e a perda do objeto se impõe como irreparável, o compartilhamento de narrativas que espelham essa experiência-limite pode funcionar como abertura à polissemia, permitindo o deslocamento do sujeito de uma fixação num ponto de falta de sentido, por meio de um laço com outros sujeitos que vivenciam os mesmos dilemas. Além das palavras narradas, há ainda a dimensão sonora da canção. A música, com seu ritmo, seus timbres, harmonias e tons, afeta o corpo de forma intensa. Os jovens fazem um uso ímpar dessa experiência estética nos corpos, geralmente de modo compartilhado, na dança e demais encontros prazerosos que a escuta de música ocasiona. Assim, a identificação por meio das canções pode dar um tratamento à angústia, ao fazer borda, cingir o pulsional desmedido que extravasa do corpo, evitando a passagem ao ato.

No entanto, sabemos dos limites dessa eficácia. Muitas vezes, as narrativas sobre o suicídio têm efeito extremamente nocivo, fracassando como borda e potencializando a angústia. Nesses casos, a identificação não promove o laço com o grupo, mas com um gozo mortífero, podendo levar ao pior, como vemos acontecer em diversos fenômenos recentes em torno de narrativas sobre a morte compartilhadas por adolescentes, como o famigerado episódio com repercussão mundial da 'Baleia Azul'. Da mesma maneira, as canções sobre o suicídio podem também fazer ecoar a dor de forma danosa sobre certos sujeitos em situações-limite. Tendo em vista o singular de cada caso, consideramos que as particularidades estruturais de um sujeito e as contingências presentes em cada história de vida serão fatores determinantes no alcance ou nas limitações das narrativas musicais na adolescência. Nesse sentido, para além de “[...] amar as pessoas como se não houvesse amanhã [...]”, há que se considerar a possibilidade de que tal amanhã seja tão assustador para parte expressiva dos sujeitos, sobretudo os adolescentes, que, como afirma Calligaris (2000), ao procurarem um espelho para contemplar uma referência de futuro, os adolescentes muitas vezes vão se deparar apenas com a própria imagem.

Referências

- Assad, S. (2000). *Renato Russo de A a Z: as ideias do líder da Legião Urbana*. Campo Grande, MS: Letra Livre.
- Berdinelli, T., & Martín, M. (2017). Baleia Azul: o misterioso jogo que escancarou o tabu do suicídio juvenil. *El País Brasil*, 27 abr. 2017. Recuperado de: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/27/politica/1493305523_711865.html
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo, SP: Publifolha.
- Cottet, S. (1988). *Puberdade catástrofe. Estudos clínicos. Transcrição 4. Publicação da Clínica Freudiana*. Salvador, BA: Fator, 1988.
- Freud, S. (1996a). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In S. Freud. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (J. Salomão, trad., Vol. 11, p. 243-244). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. de Souza, trad., Vol. 12, p. 170- 194). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2015). O romance familiar dos neuróticos. In S. Freud. *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (P. C. de Souza, trad., Vol. 8, p. 419-424). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1996b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (J. Salomão, trad., Vol. 7, p. 119-229). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Gurski, R., & Pereira, M. R. (2016). A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP*, 27(3), 429-440. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420150005>
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Seminário proferido em 1962 e 1963).
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Seminário proferido em 1972 e 1973).
- Navarro, C., Ramos, L., Vaz, P., Ramos, P., & Paula, R. (2014). *Amianto. Supercombo*. São Paulo, SP: Elemess.
- Russo, R., Villa Lobos, D., & Bonfá, M. (1997). Clarisse. In *Uma outra estação* (p. ?-?). Rio de Janeiro, RJ: EMI.
- Saliba, A. M. P. M. (2013). Sexualidade e morte: Freud com os escritores. *Reverso*, 35(66), 77-82.
- Santos, C. (2017). Sujeitos do/no rock caboclo, faroeste brasileiro: a sonoridade e os jovens em faroeste caboclo. *Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, 1(2). Recuperado de: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/7717>
- Stevens, A. (2004). Adolescência, sintoma da puberdade. *Revista Curinga*, 20, 27-39.
- Tatit, L. (2014). O “cálculo” subjetivo dos cancionistas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (59), 369-386.
- Teixeira, F. C., & Moreira, J. O. (2017). Faroeste caboclo: leitura psicanalítica de uma canção. *Psicologia em Estudo*, 22(1), 117-127. doi: <http://dx.doi.org/10.4025/psicolestud.v22i1.32922>
- Villa Lobos, D., Russo, R., & Bonfá, M. (1989). Pais e filhos. In *As quatro estações*. Rio de Janeiro, RJ: EMI.
- Viola, D. T. D. (2016). *O momento-limite conceitual: um estudo sobre as implicações sociais e subjetivas do saber na passagem adolescente* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Waiselfisz, J. (2014). *Os jovens do Brasil: mapa da violência 2014*. Brasília, DF. Recuperado de: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf

Winnicott, D. (1980). A adolescência. In D. Winnicott. *A família e o desenvolvimento do indivíduo*. Belo Horizonte, MG: Interlivros.

Recebido em 03/04/2018

Aceito em 14/08/2018

Daniela Teixeira Dutra Viola: Pesquisadora de pós-doutorado (PNPD/CAPES) no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Jacqueline de Oliveira Moreira: Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Fabiana Cristina Teixeira: Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.